

**A LÓGICA SUBJACENTE
ÀS SUPERSTIÇÕES E SIMPATIAS**

**SILVIA M. S. DE CARVALHO
OSWALDO M. RAVAGNANI
ANTONIO TALORA D. SOBRINHO**

A LÓGICA SUBJACENTE ÀS SUPERSTIÇÕES E SIMPATIAS

“Las operaciones mentales de la magia no se reducen al razonamiento análogo ni a aplicaciones confusas del principio de causalidad. Tales operaciones suponen juicios verdaderos y razonamientos concientes.”

Marcel Mauss — “Lo Sagrado y lo Profano”, pg. 79.

Obras completas I. Barral Ed. Barcelona, 1970.

“...los símbolos ligados a las fases recientes de cultura se constituyeron de la misma manera que los símbolos más arcaicos, es decir, como resultados de las tensiones existenciales y de las captaciones globales del mundo.”

Mircea Eliade — “Mefistofeles y el Androgino”, pg. 272.

Ed. Guadarrama, Madrid, 1969.

A LÓGICA SUBJACENTE AS SUPERSTIÇÕES E SIMPATIAS

SILVIA M. S. DE CARVALHO
OSWALDO M. RAVAGNANI
ANTONIO TALORA D. SOBRINHO⁽⁻⁾

O artigo propõe-se a mostrar que as crenças populares apresentam, como os mitos estudados por Lévi-Strauss (“Les Mythologiques”), uma estrutura lógica. Assim tentaremos, relacionando a estrutura de um subconsciente coletivo, cuja racionalidade estaria nas idéias universais de oposições binárias ou mesmo múltiplas, alto-baixo, longe-perto..., a uma visão global do Universo, a uma filosofia de vida que se transforma com a integração do mundo rural na civilização, esboçar uma hipótese sobre a formação dessa lógica, dentro de um contexto econômico-social que se sabe ter existido no passado.

O presente trabalho se baseia num levantamento da medicina popular da região da Mogiana, realizado durante o ano de 1974 por um grupo de alunos treinados em técnica de coleta folclórica. Foi colhido material em 54 cidades, num total de 1.600 receitas, incluindo cura através de remédios e simpatias. Aqui nos interessamos somente pelo segundo caso.

Cumpre destacar ainda que o material apresenta grande semelhança com o coletado por A. Maynard de Araújo e outros folcloristas que se preocuparam com a medicina rústica.

(-) Professor do Departamento de Educação da FFCLA.

Selecionamos aqui, sem nenhuma preocupação de sistematização, alguns exemplos tirados de uma coleta imensa de dados feita em vários municípios da Alta Mogiana, por alunos de Cursos de Folclore de Faculdades de Ribeirão Preto, em 1974, de acordo com as técnicas do estudo folclórico¹ sob a orientação do prof. Oswaldo M. Ravagnani (grande parte das receitas são comuns a outras regiões e já foram registradas por outros estudiosos).

Inicialmente, quanto às simpatias de cura, deve-se lembrar que um dos ritos mais universais, provavelmente dos mais antigos e de que se tem notícia através da literatura e de testemunhos de ritos religiosos da própria civilização mediterrânea anterior a Cristo², é o rito da morte e ressurreição. Morte e ressurreição vêm a ser um novo nascimento e disso é testemunho a iniciação nas várias seitas e ordens religiosas. Se hoje em dia as provas iniciáticas geralmente simbolizam a morte de forma não dolorosa e pouco real, limitando-se a uma reclusão³, a ritos de afastamento do mundo (ao menos no que concerne à civilização ocidental e a muitos dos povos "primitivos" de hoje), sabe-se contudo que, em muitas sociedades principalmente de caçadores, a iniciação xamanística ou simplesmente guerreira, sujeitava o corpo a provas duríssimas e, aparentemente, nem todos os iniciandos conseguiam realmente "voltar da morte"⁴. É portanto perfeitamente lógico que um rito de morte e ressurreição seja concebido, ainda hoje (e apesar de toda a transformação do pensamento efetuada pela concepção cristã de que o corpo de certa forma nada tem a haver com a alma), como um novo nascimento do corpo

-
- (1)- ALMEIDA, Renato - *Inteligência do Folclore* (Cap. VIII - *Técnica de Pesquisa Folclórica*).
 - (2)- Veja-se, por exemplo, o que diz VAN GENNEP (*The Rites of Passage*) sobre os Mistérios Eleusianos, com a indicação das fontes básicas para o estudo dos cultos dionísacos na Grécia Antiga (*Initiation Rites*, pg. 89 e segs.). Por outro lado, EUDORO DE SOUZA (*Dionísio em Creta e outros Ensaios*) reconheceu com razão que, na concepção original, algumas aventuras heróicas, como a busca dos pomos de ouro por Hércules, são a morte e ressurreição do herói, pois "o jardim das Hespérides é uma forma do reino da morte" (pg. 201 e segs.).
 - (3)- Reclusão de padres e freiras em seminários e conventos, a reclusão do babalaorixá por ocasião da iniciação, etc.
 - (4)- Veja-se, por exemplo, o que escreve MIRCEA ELIADE (*El Chamanismo y las técnicas arcaicas del éxtasis*) sobre as iniciações xamanísticas, ou ALFRED MÉTRAUX sobre o xamanismo das Guianas e dos Araucanos (in *Religions et Magies d'Amérique du Sud*, respectivamente, pg. 81 e 180 e segs.) ou ainda WERNER MÜLLER, no capítulo "Mort e nouvelle naissance..." sobre a iniciação dos Kwakiutl na "Sociedade Secreta do Grande Canibal", e LÉVY-BRUHL sobre a iniciação dos feiticeiros australianos.

tão sadio e liberto de doenças quanto o dia em que nasceu. É esta idéia que se reflete em algumas das simpatias como, por exemplo, a indicada por informantes de Porto Ferreira⁵ e Pompéia⁶, contra hepatite, icterícia:

“Na grama cortar do tamanho da pessoa e cortar a grama e depois que a pessoa se levantar da grama fazer o contrário: colocar a grama de cabeça para baixo e a terra fica por cima.”⁷.

Evidentemente é a pessoa, simbolizada por sua forma decalcada na grama que se enterra, de modo que, assim que a grama tiver apodrecido no solo, a pessoa também “morreu” e com ela a doença. Provavelmente, não se julga necessário qualquer rito de ressurreição, uma vez que a pessoa se levanta do solo antes da operação, o que não impede que a concepção geral seja realmente a de uma “morte e ressurreição”, e não propriamente a de “transferência de doença”⁸.

A mesma idéia de “morte e ressurreição” se encontra presente em uma simpatia para curar bronquite, procedente de Catanduva:

“Na quinta-feira da Semana Santa, colocar a criança doente perto de uma porta (saída para o quintal), marcar a altura da mesma e fazer no portal um buraquinho. Ao amanhecer (sexta-feira), sem acordar a criança, cortar um pouquinho do cabelo, um pedacinho de sua roupa e cruzando cortar um pedaço de unha dos pés e das mãos. Colocar tudo dentro do buraco e tapar com cêra.”⁹.

Aqui encontramos o rito de “morte e ressurreição” reforçado por sua associação à morte de Cristo, a morte de expiação universal para os cristãos. A morte simbólica da criança, pelo enterro de seus pertences (as partes simbolizando

- (5)- Informante C.P., 50 anos, doméstica. Coleta de Maria Lúcia Bersoni (Educação Artística-UNAERP).
- (6)- Informante: trabalhador rural (Fazenda “Boa Vista” e “Monte Alto”). Coleta de Maria José Fernandes (Artes Plásticas-UNAERP).
Nesta simpatia, de processo igual ao da precedente, a doença é referida como icterícia, em vez de hepatite (parece não haver uma diferenciação entre as duas formas de mal, entre o povo). Além disso, a simpatia deverá ser efetuada expressamente numa sexta-feira, o que implica numa associação com a morte de Cristo, como a que se encontra, ainda mais desenvolvida, no rito descrito a seguir, para curar bronquite.
- (7)- Informante C.P.
- (8)- Uma variante dessa simpatia, mas para curar a “broca” dos animais, encontra-se entre descendentes de antigos camponeses da Vestfália, no sul de Santa Catarina (conforme FRANCISCO S. G. SCHADEN - Índios, Caboclos e Colonos, cap. “Magia e Crenças Populares numa Comunidade Teuto-brasileira”, pg. 97). A grama é cortada em torno dos cascos do animal.
- (9)- Informante A. C. N. Coleta da aluna Maria Rita Figueiredo (Educação Moral e Cívica-UNAERP).

o todo, como ocorre nos ritos em geral¹⁰, ocorre durante o sono, que em concepções arcaicas já por si encerra uma idéia de morte temporária, sem apelarmos para analogias mais complexas, pela própria ausência da atividade consciente. O despertar natural será também a ressurreição...

No caso da simpatia citada, a criança, como toda cristandade, constituiriam um alter-ego de Cristo, que encarna a morte e ressurreição mais reais.

Resta analisar um detalhe referente à seqüência final da simpatia. Por que tapar o buraco no portal¹¹ com cera e não com outro material qualquer? Poder-se-ia pensar na cera dos velórios, mas é possível que outra idéia lhe tenha dado origem (claro está que se aventa aqui apenas uma hipótese...). Uma das substâncias normalmente associadas à medicação da bronquite e da tosse em geral¹², é o mel de abelhas, e é com cera que as abelhas confeccionam, e fecham as celas após nelas depositarem os ovos¹³. Assim sendo, é numa câmara fechada com cera que o inseto passa a sua fase larval até desabrochar. Teria existido antigamente uma intenção de aproximar ou identificar o paciente com o inseto produtor da substância que acalma a tosse? É difícil saber, mas é, ao menos, provável.

Nas simpatias, a associação de idéias com determinados animais que, por esta ou aquela qualidade¹⁴ estão em oposição à doença, é muito frequente, como nesta, para "curar bebedeira", ou melhor, para curar do vício de beber:

"Pegar a moela do passarinho asnu (sic) e torrar, depois fazer um pó dessa moela e por na pinga, o bêbado não bebe mais."¹⁵

-
- (10)- LÉVY-BRUHL ("L'Âme primitive") se refere a grande número de informações de viajantes, missionários e de alguns trabalhos já mais científicos, particularmente sobre povos da África, em que se evidencia a idéia de que a parte simboliza ou melhor, é o todo, no que aliás não difere o pensamento civilizado, com a única diferença de que este se apresenta cada vez mais dessacralizado.
- (11)- A porta do quintal é a por onde se joga comumente as sobras e tudo o que é colocado no lixo.
- (12)- Como, aliás, podemos constatar pelas muitas receitas coletadas, para curar tosse e bronquite.
- (13)- Sobre "a cera e o mel", a apicultura no Brasil no período colonial, veja-se as observações de Sergio Buarque de Holanda, no capítulo 3º de Caminhos e Fronteiras.
- (14)- ...qualidade selecionada pela cultura (formando estruturas coerentes com a visão global do mundo), como bem o observa LÉVI-STRAUSS em O pensamento Selvagem.
- (15)- Informante I. C., 42 anos, Ribeirão Preto. Coleta de Ruth Renata Sanerip Piccolo (Ed Moral e C/íca-UNAERP).

A chave geral parece ser o nome popular para a pinga: “água que passarinho não bebe”, que a sua moela ou estômago não aceita. Mas, o fato de se tratar de uma determinada ave, cujo nome a informante pronuncia “asnu”, mas que com muita probabilidade é o “anu”¹⁶, indica que, além dessa associação existe outra, mais específica, que uma investigação detalhada dos hábitos do pássaro e um levantamento de sua importância no folclore em geral, revelaria.

Da mesma informante, é uma outra receita para curar o alcoolismo, que se enquadra, em linhas gerais, no tipo dos ritos de morte e ressurreição descritos atrás:

“Escrever num pedacinho de papel o nome do viciado e dobrar muito bem, de modo que fique o menor possível. Colocar o papel dobrado sob os pés de um cadáver no caixão. Na hora do enterro pedir ao defunto que leve consigo o vício para debaixo da terra.”

Claro que outra idéia se faz também presente: o morto é solicitado a ser o veículo de transporte da doença (e da doença apenas) ao mundo subterrâneo. Ainda assim, no papel só consta o nome do viciado.

Em outra simpatia, é o sol que é invocado como veículo para o transporte do mal para longe:

“Para curar terçol: quando o sol está se escondendo no horizonte diz: O sol entra, e entra o meu terçol. Diz isso três vezes.”¹⁷.

Contudo, em uma grande quantidade de simpatias, o alter-ego da doença, o seu símbolo, o objeto a que foi transferido, é colocado em formigueiros, que aparecem como vias de acesso ao mundo subterrâneo em não poucos mitos dos

(16)- O anu preto (*Crotophaga ani*) tem, segundo AGENOR COUTO DE MAGALHÃES, uma distribuição geográfica extensa, desde o Norte da Argentina à Flórida. No Rio Grande do Sul é também conhecido pelo nome de “chimango”. O anú “coroca”, “guaçu”, “peixe” ou “galego” é uma variedade maior do mesmo gênero: trata-se do *Crotophaga major*. Na Amazônia, o anú guaçu ou caboco é tido como azfago. Outro pássaro conhecido por anú é o anú branco (*Guira guira*, conhecido no Norte do Brasil por quirirú e pirigá e no extremo sul por “alma de gato”, nome popular que recebe também o *Piaya cayana macroura*, que, na Amazônia, tem fama de feiticeiro (vide **Fauna Brasileira**, pg. 175 a 179).

(17)- Informante A. F. - Chácara Aguaí-Aguaí (SP). Coleta de Maria Lúcia Borsoni (Educação Artística-UNAERP).

nossos índios ¹⁸, de modo perfeitamente coerente, aliás, com a atividade das formigas que levam semente e folhas para baixo da terra, e que, juntamente com os urubús e tatús, são consumidores de animais mortos.

Escolhendo apenas um exemplo, entre muitos:

“Para curar berruga” deve-se “Pegá um pedaço de tocinho (sic) e por num formigueirinho de formiga saúva.”¹⁹.

Em outras variantes dessa simpatia, o toucinho jogado no formigueiro e o milho às galinhas, devem ser esfregados previamente nas verrugas. Claro está que aí se fazem presentes os dois tipos de magia simpática, reconhecidos por Frazer²⁰: a magia homeopática (lei da semelhança: verruga semelhante ao grão de milho ou semelhante a uma excrescência gordurosa) e a magia contaminante (lei de contato).

Também não há muito a comentar sobre uma série de simpatias que se enquadram perfeitamente nas estudadas por Frazer ²¹, de transferência do mal a objetos inanimados, a animais ou mesmo a homens.

Mas há uma observação que se pode fazer a partir da comparação de algumas simpatias a que Frazer se refere no capítulo sobre a “Transferência del mal en Europa” e algumas das anotadas em dias de hoje no interior de São Paulo:

“En Cheshire”, diz-nos Frazer ²², si desea quitarse las verrugas sólo tiene que frotarlas con un trozo de tocino, hacer una hendidura en la corteza de un fresno y deslizar el tocino bajo la corteza del árbol. Pronto desaparecerán las verrugas de sus manos, aunque en su lugar reaparecerá en forma de excrescencias ásperas o nudos en la corteza de árbol.”

(18)- Como exemplo, temos os dois mitos (M. 188 - Tenetehara e M. 189 - Tembê) sobre a origem da festa do mel, analisados por LÉVI-STRAUSS em *Du miel aux cèdres* (pgs. 26/27). Em ambos, o herói, transformado em formiga, desce ao mundo subterrâneo, isto é ao mundo da morte, de que são donas as onças. Igual função têm os buracos de tatu (ou tro devorador de cadáveres), como aparecem em um mito Kayapó, registrado por HORACE BANNER (*Mitos dos Índios Kayapó*, pg. 50) e em outro Krahó (H. SCHULTZ *Lendas dos Índios Krahó*, pg. 160).

(19)- Informante A. M., 63 anos, São Carlos (SP). Coleta de Ivani Andreossi (Educação Artística-UNAERP)
Simpatia idêntica foi apontada por F. SCHADEN (op. cit., pg. 98), na comunidade teuto-brasileira de São Bonifácio.

(20)- FRAZER, J. G. - *La Rama Dorada*, pg. 35.

(21)- Op. cit., pg. 608 e segs.

(22)- Op. cit., pg. 616.

Segundo uma simpatia referida pela mesma informante anterior de São Carlos (A.M.), cura-se também verruga com um processo análogo ao registrado por Frazer:

“Pegá um pedaço de couro de porco, cortá uma bananeira, colocá o couro e furá com pau e jogá terra e não volta mais ao lugar.”

Neste caso, como em outros anotados, embora não se possa falar propriamente em uma destruição do mal (já que existe uma proibição de se voltar ao local, certamente para que a verruga tranferida, na forma de um alter-ego, à bananeira, não retorne à pessoa), não há menção ao fato de passar a árvore a apresentar, por sua vez, excrescências, isto é, “verrugas”.

Creemos que no espírito da população campesina da Europa da 2ª metade do século passado (a primeira edição da obra de Frazer é de 1890), o princípio de reciprocidade e a idéia de que nada se perde, tudo se transforma, estava mais presente do que no espírito da população rural de hoje (particularmente se levarmos em conta que os informantes, se moram em sítios ou fazendas, mesmo assim vivem na periferia ou não longe de cidades que a mentalidade capitalista já atingiu de forma intensa)..

Está claro que isto não quer dizer que não mais se pode detectar o princípio da reciprocidade em uma ou outra receita. Assim, para que tenha uma segunda denteição feita,

“a criança, ao perder seu primeiro dente de leite, deve, com a mão direita e de costas para o fogo, atirar o dente sobre o ombro esquerdo, para dentro da chama bem forte, enquanto diz: — Fogo, fogo, fogo,
Eu te dou um dente velho
Me dê um dente novo!”²³

Se lembrarmos que para Heráclito ainda, o fogo é o princípio de todas as coisas e que é nele que todas as coisas se transformam por sua vez ²⁴, percebemos que essa macro—dialética do Universo está na base de muitas concepções dos povos de todas as partes do mundo.

(23)- Informante I. C. , 42 anos, Ribeirão Preto. Coleta de Ruth Renata S. Piccolo (Educação Moral e Cívica-UNAERP).

(24)- GIGON, Olof — *Los Orígenes de la Filosofía Griega*: “Para él (Heráclito).. la manifestación del fuego, al final de este período cósmico - del fuego ‘con que tuvieron un trato diario sin reconocerlo’ - sería el castigo aniquilador tanto como lo fue el rayo de Zeus para los Titanes. ...La doctrina de la transformación de los estados del mundo tiene, pues, un contenido ético de que se hallaban infinitamente alejados un Anaxímenes o un Jenófanes.” “Em Heráclito, Gigon encontra a concepção do fogo como um ser capaz de saber e querer... “o fogo é mente, alma; e alma é fogo...” O ciclo de transformações, para Heráclito se baseia na aparição de um elemento como consequência da morte de outro. “Vive (a)el Fuego de la muerte de la (d) tierra y vive (b) el aire de la del(a) fuego; vive (c) el agua de la muerte del (b) aire, y de la muerte del (c) agua vive la tierra ” (pg. 242/251).

O fogo toma e o fogo dá . . .

Pode-se alegar que o princípio da reciprocidade já não se coaduna mesmo com o de cura de doenças, porque não se pode evidentemente amputar o membro doente (como quem se desfaz de um dente caído) e pedir um são em troca. Não seria, o princípio da reciprocidade que ainda se faz sentir no costume dos ex-votos, tão conhecido do catolicismo rural? ²⁵

De qualquer forma, a civilização faz desaparecer aos poucos, não só este sentimento de reciprocidade, como, aos poucos, a idéia da transferência, substituída cada vez mais pela de aniquilamento.

Jahnheinz Jahn ²⁶ o notou a respeito do significado da morte nos versos de poetas negros. A morte na filosofia africana (bantu, dogon, bambara . . .) — e cremos poder afirmar que na filosofia dos povos não-civilizados em geral — é transformação e não destruição. Como destruidora, tal qual aparece no poema “Tambor” do poeta negro norte americano Langston Hughes, a que Jahn se refere (— e é significativo que se trate justamente de um norte americano), ela é, nota o autor, uma representação ocidental.

Assim, a doença, na concepção mais arcaica, também não desaparece: ela se transfere. Cremos que ainda se pode notar essa idéia na simpatia abaixo, para curar dor de cabeça:

“Pega a batatinha, descasca e põe 3 fatias ²⁷ na testa e amarra um pano, quando passa a dor de cabeça a batatinha fica preta.”²⁸.

Em muitas outras simpatias, no entanto, percebe-se a idéia de que uma “amputação” da doença é o suficiente para que a pessoa se livre dela. “Amputada”, ela se desliga da pessoa, como as muitas sobras que, na civilização ocidental, simplesmente jogamos fora. ²⁹.

(25)- MAYNARD DE ARAÚJO, A. — *Folclore Nacional*, vol. III, pg. 18, propõe uma classificação dos “ex-votos” em elementos materiais do ritual mágico “protetivo” e “produtivo”. Seriam “protetivos” todos aqueles que... visam uma proteção. ...A escultura de um pé, em madeira, é um “ex-voto” do ritual protetivo. E ainda, quando o ex-voto “não é em pagamento de benção recebida... mas antecede-a, seria o ex-voto preventivo” (pg. 28). Mas, se levarmos em conta que os ex-votos são pintados de preferência com “cor vermelha que, na interpretação do caipira, representa a doença, a dor, etc.” (pg. 22) e muitas vezes os sintomas da doença são também representados, é bem mais provável que se trate de uma verdadeira “permuta” do órgão doente pelo são.

(26)- JAHN, J. — *Muntu-Las Culturas Neoafricanas*, pg. 157.

(27)- Outra vez o número místico 3, no Brasil católico evidentemente reforçado pela concepção de uma divindade trina e una.

(28)- Informante M. G., 50 anos, doméstica, Porto Ferreira (SP). Coleta de Inez Elisabeth B. S. Gonçalves (Educação Artística-UNAERP).

“Cafbra (sic): para se curar desta, basta usar uma tesoura de imã, embaixo da cama quando se for dormir.” 30

Imã, porque atrai; tesoura, porque corta.

O mesmo princípio de “amputação” aparece em inúmeras “benzeções”, como nesta contra cobreiro:

“—Benzeadeira : Que corta?

Pessoa: Cobreiro

Benzeadeira: Isto mesmo que eu corto?

Pessoa: Cobra, cobraão, sapo, sapão e bicho de toda Nação. 31.

Benzeadeira: Eu corto e corto e torno a cortar a cabeça e o rabo para não tornar a brotar.”(32)

Da mesma informante é uma receita de benzeção em que o mar aparece como destruidor universal, a água salgada (aliás com muita lógica, para quem pensar no efeito esterilizante do cloreto de sódio e na mobilidade oceânica que impedem o mar de se tornar uma imensa massa estagnada e podre —) como elemento de purificação.³³

“*Dor de cabeça*”

“Modo de benzer: A benzeadeira pega três ramos e passa na cabeça da pessoa de um lado para outro falando:
Encontrei Santa Maria sentada na laje fria
benzendo dor de cabeça com três Ave Marias
Ave Maria cheia de Graças, o Senhor é convosco,
bendita sóis Vós entre as mulheres, Bendito é o
fruto de vosso ventre e (sic) Jesus.
Santa Maria Mãe de Deus rogai por nós os pecadores
agora e na hora de nossa morte amém.

- (29)- Ao contrário do que acontece nas sociedades primitivas, em que restos pessoais (unhas, cabelos, restos de comida) não podem geralmente ser jogados, pois eles não desaparecem e (como representam o todo) podem ser manipulados contra a pessoa por feiticeiros. Veja-se, por exemplo, o que M. MEAD escreve sobre as crenças mágicas dos Arapesh em *Sexo e Temperamento*.
- (30) Informante M. B. S., 45 anos, Ribeirão Preto. Coleta de Inez Elisabeth B. S. Gonçalves (Educação Artística - UNAERP).
- (31)- A cor da benzeadeira não é mencionada, o que aliás pouco importa, uma vez que a influência do pensamento africano se faz sentir, com a mesma variação de intensidade, em várias áreas do interior do Brasil. Aqui o africanismo se revela na concepção de “espécie” como idêntica à de “nação”. O mundo animal se divide em “nações”, tal qual o mundo humano... No caso da Umbanda, as variações do culto religioso têm sido justificadas com a afirmação de que: “são de nações diferentes...”
- (32)- Informante benzeadeira M. S., viúva, 82 anos (Fazenda S. Thomás), Pitangueiras (SP). Coleta de Rita de Cássia Sanchez (Educação Artística-UNAERP)

Eu ofereço à Nossa Senhora das Dores estas três Ave Maria e três Santa Maria em louvor a Nossa Senhora para tirar essa dor de cabeça e joga os raminhos na água salgada que o mar é rico e poderoso ele pode com todo mal.³⁴

A cruz tem naturalmente uma vasta aplicação em simpatias e benzeduras. O símbolo de Cristo, quando não elimina o mal, ao menos o detém:

Para impinge: cercar a impinge com cruces de tinta. Ela não ultrapassa as cruces, não aumentará” 35

Numa outra receita da mesma informante ³⁶, aparece no entanto um símbolo mágico mais arcaico e conseqüentemente mais universal que a cruz: o círculo.

“Quando a impinge for pequena, alcar a aliança, Ela não passará os limites marcados pela aliança.”

O círculo mágico, que nas religiões arcaicas tem a função de delimitar o espaço de comunicação com o Cosmos, que necessariamente terá que ser o “Centro do Mundo” ³⁷, na magia tem função justamente inversa, a de isolar do

- (33)- O mar para as religiões afro-brasileiras encerra em si a grande contradição (Fim-Princípio) pois é o habitat de Yemanjá, mãe dos Orixás, mas que também procura atrair para o seu seio os seres humanos. O próprio mar passou a ser divinizado; elemento purificador e curador.
- (34)- A presença do sal se faz notar em mais outras duas das 11 receitas coletadas pela aluna junto à mesma benzedeira:
- QUEBRANTE: modo de benzer: Esta é feita com um punhado de sal, depois da benzedura coloca-o na cinza se a pessoa tiver quebrante o sal vira uma pedra de sal, se não tiver não vira nada. “Alecrim Sagrado que nasceu no campo sem ser semeado, este mau (sic) há de ser tirado da Claudia com o poder de Deus e Virgem Maria”.
- AR: Modo de benzer: Tres raminhos. Alecrim Santo que cria no campo, que tira este ar e quebre este encanto. Com as águas cristalinas e águas de Jordão que corta este ar e corta este encanto. Se for ar do sol será tirado. Se for ar da lua será tirado. Se for ar das nuvens será tirado. Se for ar das folhas será tirado. Se for ar do vento será tirado. Se for ar do fogo será tirado. Será tirado, joga na água salgada, que o mar poderoso que pode com todo esse mal.”
- (35)- As crenças em vampiros, comuns na Europa dos séculos passados, e exploradas, ultimamente, como tema para vários filmes de terror, mostram a ação paralisante que tem o símbolo da cruz sobre o mal.
- (36)- Informante T. P., Ribeirão Preto. Coleta de Helena Charlier (UNAERP).
- (37)- É no “centro do mundo” ou “umbigo do mundo” que cresce a Árvore Cósmica (o “monte do mundo”, o “poste central”), via de comunicação entre o mundo humano e o extra-humano ou supra-humano. Zigurat e pirâmide, templo e altar, cadeira de Deus e lugar dos sacrifícios participam do simbolismo deste “poste central” ou “árvore cósmica” (vide ROGER BASTIDE: *Sociologia do Folclore Brasileiro*, pg. 145: “A Cadeira de Ogán e o Poste Central”).

mundo humano o que lhe é oposto, o anti-social, o perigoso para o homem.³⁸ E nos jogos é ainda o círculo o protótipo das delimitações do campo, igualmente mágico, onde se desenrola o drama lúdico. O simbolismo do Centro cósmico foi estudado, entre outros, por Mitcea Eliade³⁹ e a delimitação do campo lúdico por Johann Huizinga⁴⁰.

O círculo é muito provavelmente o protótipo da delimitação mágica, não só porque pela curvatura do horizonte o mundo se afigura normalmente como redondo, tal qual o céu astral, como ainda porque aparentemente a forma mais comum da base das choças mais simples é arredondada, o que também se dá com boa parte das tendas dos povos pastores.

As religiões afro-brasileiras, principalmente a Umbanda, trazem em seu âmago esta idéia. Assim, o ponto riscado, representação mágica das "entidades", sempre é fechado pelo círculo. O próprio templo, embora tenha formato quadrado ou retangular, sujere pela disposição dos crentes a idéia de círculo. É sintomático ainda que os templos temporários nas matas tenham disposição circular.

Outro grupo de simpatias, de que apresentamos dois exemplos abaixo, revelam a crença numa ligação ontológica entre pai e filho, concepção que está á base dos conhecidos ritos de couvade dos índios nossos, particularmente os do grupo Tupi:

Para curar gagueira:

"Pega-se um pé de meia usada pelo pai da pessoa gaga. Torra numa panela 2 colheres de sopa de fubá. Quando estiver bem torrado, põe dentro do pé de meia, amarrando com o auxílio de um lenço na garganta da pessoa gaga, para dormir com ela. Para ter valor precisa começar numa sexta-feira e fazer três vêzes".⁴¹

Para ter o filho depressa sem complicações:

"O marido da parturiente põe um arreio de cavalo nas costas e corre ao redor da casa até que a criança nasça."⁴²

(38)- Pela própria ambiguidade que lhe confere o caráter de passagem entre o mundo humano e extra-humano (ou o "outro mundo"), o círculo representa uma área de perigo e deverá ser manipulado ou para se conseguir um processo de comunicação ou de isolamento.

(39)- ELIADE, M. — *Images et Symboles*, cap. 1.

(40)- HUIZINGA, J. — *Homo Ludens*, pg. 23 e segs.

(41)- Informante I. M. E., 15 anos, estudante, Olímpia (SP). Coleta de Sonia Miriam A. F. Sena (Ed. Moral e Cívica-UNAERP).

(42)- Informante M., 36 anos, fazendeiro, Ribeirão Preto (SP). Coleta de Maria Auxiliadora Stocco (Ed. Artística-UNAERP).

Em ambas as simpatias, aparentemente o esforço e a mobilidade do pai (o pé de meia já usado tendo participado das caminhadas do dono; o pai, transformado, ao que parece, em veículo da chegada do filho ao mundo, como se fôra sua cavalgadura) parecem representar a colaboração necessária para que, no primeiro caso, a voz do filho se torne fluente e, no segundo, para que ele chegue facilmente ao mundo humano. Aventamos essa possível explicação a título de curiosidade apenas. O que temos em mente aqui é apenas chamar a atenção para o princípio de ligação pai-filho.

Quanto à simpatia que se segue, cremos ter encontrado realmente a lógica subjacente, de forma mais convincente: Trata-se de uma prevenção contra a fatalidade que pesa sobre o 7º varão de uma família. A crença de que este se transformará em lobishomem ⁴³ e, na África, em homem-leopardo ⁴⁴, é muito difundida e faz parte de uma concepção muito arcaica e praticamente universal: a da licantropia.

“Numa casa, quando a mãe tiver 7 ⁴⁵ filhos homens seguidos, o primeiro tem que batizar o último, senão este vira lobishomem. Se tiver 7 mulheres em seguida, a sétima vira mula-sem-cabeça, se a primeira não a batizar.”⁴⁶

No batismo, a madrinha (ou padrinho) toma o lugar da mãe (ou pai). Evidentemente, se o primeiro dos sete irmãos ou a primeira das sete irmãs passar a ser o pai ou mãe do último (a), este não será mais o sétimo filho, mas sim o 6º. De qualquer forma, sua posição se encontra deslocada, ambígua. Logo, estará livre da maldição.

(43)- Crença comum na Europa em geral e igualmente no Brasil. Veja-se por exemplo a obra de PEUCKERT, Will-Erich — *Geheim Kulte*.

(44)- A crença na licantropia foi descrita, com vasta documentação, por LÉVY-BRUHL em *L'âme Primitive*, ao analisar o conceito do “duplo”.

(45)- 7 é um número mágico importantíssimo no simbolismo religioso de muitos povos. É o símbolo cósmico por excelência: Norte, Sul, Leste, Oeste, Nadir, Zenit e Centro são os sete pontos cardiais do universo. Parece que, em tempos pré-colombianos praticavam-se sacrifícios humanos a esses sete pontos cardiais. Ao menos se tem encontrado grupos de 7 esqueletos com toda evidência de terem constituído um sacrifício, na Guatemala (seg. LEHMANN, H. — *Differentes formes de sacrifices humaines pratiqués à Chicol...*) É bem conhecido o mito do tributo que os gregos tinham que pagar a Creta na forma de 7 jovens e 7 moças destinadas a serem sacrificados ao Minotauro. E não nos surpreenderíamos muito se os 7 anões da Branca de Neve fossem uma versão moderna de antigas divindades-dema, divindades-dema que têm, geralmente, a sua transcendência astral nas Pléiades. Nos cultos afro-brasileiros o 7 ocupa um lugar de destaque, uma vez que 7 são as linhas, 7 são os Exus principais; a maioria das “entidades” recebem tal número diante do nome: 7 Encruzilhadas, 7 Catacumbas, 7 Cachoeiras, 7 Capas, etc. (vide também LÉVY-BRUHL, *La Mentalité Primitive*, pg. 218).

(46)- Informante B. B. pedreiro, 69 anos, Ribeirão Preto (SP). Coleta de Maria Virgínia Lucchiarí.

A mesma crença foi registrada por F. Schaden em São Bonifácio (op. cit., pg. 45). F. Schaden faz, além disso, interessantes observações sobre a licantropia em geral.

Passamos finalmente a tentar desvendar o que está à base de um dos tabus que pesam sobre a mulher grávida:

“Mulher grávida não deve comer rapa de panela para a criança não nascer de bundinha grudada” 47

Apesar do perigo de uma generalização, poder-se-ia sugerir um denominador comum para as áreas mais características de formação de tabus alimentares (sejam elas regiões rurais do Brasil, regiões montanhosas da Europa ou culturas tribais): a relativa escassez de alimentos ou dificuldade em obtê-los, e a consequente valorização de certos hábitos alimentares, dando origem a toda uma série diversificada de “*manières de table*”⁴⁸.

Uma dessas normas de boa educação é uma certa hierarquia existente na ordem de distribuição do alimento. Em muitas sociedades, primeiro comem os homens, depois as crianças, finalmente as mulheres.⁴⁹

Aparentemente, isto implicaria em que a mulher que rapasse a panela apenas estaria obcecando à hierarquia estabelecida, assim como nada haveria a criticar se comesse da panela após todos já se terem servido. Mas comer por último, rapar a panela, quer dizer também não deixar mais nada para alguém que estivesse por chegar. E, provavelmente, é aí que se encontra a lógica do tabu: logo haverá uma boca a mais no grupo e a mulher responsável por esse acréscimo tem que ter uma consciência antecipada dessa situação. Rapar o fundo da panela sugere voracidade e uma futura mãe não deve ser voraz. Aliás, a voracidade é condenada, de uma forma geral, nas sociedades que se tornam sedentárias. Moderação e frugalidade são comumente sinônimo de educação, mesmo se há abundância, talvez uma reação etnocêntrica vis-a-vis aos nômades mais pobres que só conseguem comer abundantemente na estação da caça e cuja fome endêmica de proteínas os faz então se entregarem a verdadeiras orgias, devorando a carne assada até não mais aguentarem.⁵⁰

- (47)- Comunicação verbal de Maria Cecilia Ravagnani. Informante Y. B., 23 anos, doméstica (Fazenda Santa Francisca, São Simão).
- (48)- *L'Origine des Manières de Table*, é o título do vol. III dos *Mythologiques* de LÉVI-STRAUSS.
- (49)- Pode-se observar ainda hoje em regiões rurais de São Paulo e Minas Gerais, uma hierarquização neste sentido. As mulheres servem primeiro o marido depois os filhos pela ordem decrescente de idade e finalmente elas próprias se servem.
- (50)- LÉVI-STRAUSS, teve ocasião de constatar, entre os Nambikwara, a grande escassez de alimentos que dura metade do ano, durante a qual a refeição, insuficiente para um branco, tem que alimentar uma família inteira (Traurige Tropen, pg. 247). ...“Mas si su resistencia es grande en caso de necesidad...” (diz RUGENDAS dos Botocudos) ...su voracidad igualmente no conoce limites: con excepción de los más duros, comen cuantos animales abaten.” (Viaje pintoresco através del Brasil, pg. 52). Claro está que o consumo imediato de toda a caça abatida corresponde igualmente às limitações tecnológicas. “...mais salientes são as que dizem respeito à preservação e armazenagem de alimentos. Sem refrigeração, enlatamento, salga ou defumação da carne e peixe, é claro, não faz sentido caçar ou pescar uma vez que haja um suprimento à mão, pois este terá de ser comido depressa, mesmo nos climas mais secos”. (SERVICE, E. — Os Caçadores, pg. 25).

Nos mitos se reflete frequentemente uma condenação dessa voracidade, que passa a ser identificada, nas sociedades que se tornaram sedentárias, não com um costume próprio de humanos, mas característico de certas espécies animais, particularmente algumas que são capazes de comer até, literalmente, arrebentar-se.
51

Só assim é que se explica também a formação de uma oposição já notada por Lévi-Strauss entre alto e baixo no corpo humano, aberto em cima = fechado em baixo.⁵²

Teríamos assim, provavelmente, a lógica subjacente ao tabu: “Mãe aberta demais em cima, filho fechado demais embaixo”, como consequência da pouca previdência materna: não pensar em deixar um pouco de comida para uma boqui-nha a mais, no grupo.

(51)- É bem conhecido, neste sentido, o comportamento dos peixes ornamentais de aquário, que morrem se lhes for dada ração em demasia, e dos bezerros que precisam ser separados das mães, para que não mamem até morrerem empanturrados. Isto também ocorre frequentemente com as tartarugas da Amazônia ao comerem sementes de samau-meira em demasia (NUNES PEREIRA — *Moronguetá*, vol. I, pg. 127)

(52)- Veja-se, por exemplo, LÉVI-STRAUSS, *Du Miel aux Cèdres*, pg. 209/210.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Renato — **Inteligência do Folclore** - Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1957.
- ARAÚJO, Alceu Maynard — **Folclore Nacional** - (3ª vol.), Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1964.
- BANNER, HORACE — **Mitos dos Índios Kayapó** - in Revista de Antropologia, vol. 5, nº 1, junho, 1957, pg. 35 a 66.
- BASTIDE, Roger — **Sociologia do Folclore Brasileiro** - Ed. Anambi, São Paulo, 1959.
- ELIADE, Mircea — **El Chamanismo y las Técnicas Arcaicas del Extasis** - Fondo de Cultura Econom., México.
- ELIADE, Mircea — **Images et Symboles** - Gallimard, 1952.
- FRAZER, James G. — **La Rama Dorada** - F.C.E., 3ª ed., 1956.
- GENNEP, Arnold Van — **The Rites of Passage** - transl. by M. B. Vizedom e G. L. Caffee - Routhledge & P. Kegan, Londres, 1965.
- GIGON, Olof — **Los Origenes de la Filosofía Griega** - Ed. Gredos, Madrid, 1971.
- HUIZINGA, Johann — **Homo Ludens** - Ed. Perspectiva, Coleção Estudos, São Paulo, 1971.
- JAHN, Jahnheinz — **Muntu-Las Culturas Neoafricanas** - F. C. E. México, 1963.
- LEHMANN, H. — **Differentes Formes de Sacrifices Humaines Pratiqués a Chicol (Guatemala) d'après les Fouilles Effectués en 1954** - in Anais do XXXI Congresso Int.Americanistas, pg. 673.
- LÉVY-BRUHL, Lucien — **La Mentalité Primitive** - P. U. F., 15ª ed.
- LÉVY-BRUHL, Lucien — **L'âme Primitive** - P. U. F., 4ª ed.
- LÉVI-STRAUSS, C. — **Du Miel aux Cèdres** - Plon, 1966.
- LÉVI-STRAUSS, C. — **L'origine des Manières de Table** - Plon, 1968.
- LÉVI-STRAUSS, C. — **Traurige Tropen** - trad. alemã de S. Heintz, Kiepenheuer & Witsch, Berlin, 1970.
- MAGALHÃES, Agenor Couto de — **Fauna Brasileira** - São Paulo, 1939.

- MÉTRAUX, Alfred — **Réligions et Magies d'Amérique du Sud** - Gallimard, 1967.
- MEAD, Margaret -- **Sexo e Temperamento** - Ed. Perspectiva, Col. Debates, São Paulo, 1969.
- MUELLER, Werner -- **Les Religions des Indiens d'Amérique du nord** - in *Les Religions Amerindiennes* - de W. Krickeberg e outros, 3ª parte, Payot.
- PEREIRA, Nunes — **Moronguetá - um Decameron Indígena** (- 2ª vol., ed. Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro, 1967, Col. Retratos do Brasil.
- PEUCKERT, Will-Erich — **Geheim Kulte** - Heidelberg, 1951.
- SCHADEN, Francisco G. S. — **Índios, Caboclos e Colonos** - Revista de Antropologia, vol. 1, 1963.
- RUGENDAS, Juan Mauricio — **Viaje Pintoresco Através del Brasil** - Emecé Ed. Buenos Aires, 1947.
- SCHULTZ, Harald — **Lendas dos Índios Krahó** - in *Revista do Museu Paulista*, N. S., vol. VI, 1950.
- SERVICE, E. — **Os Caçadores** - Col. Curso de Antropologia Moderna, Zahar, Rio de Janeiro, 1970.
- SOUZA, Eudoro de — **Dionísio em Creta e Outros Ensaio**s - Liv. Duas Cidades, São Paulo, 1973.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de — **Caminhos e Fronteiras** - José Olímpio Ed., Rio de Janeiro, 1957.